

# Sumário

Prefácio 11

Apresentação 15

Introdução 21

1. A questão epistemológica 25

2. Conceitos de mundo e de pessoa 35

3. Fundamentação teórica do conceito de mundo 39

4. Teorias de base do conceito de mundo 47

**PSICOLOGIA DA GESTALT** 47

**TEORIA DO CAMPO** 54

**TEORIA HOLÍSTICA** 60

5. Fundamentação teórica do conceito de pessoa 69

6. Filosofias de base do conceito de pessoa 77

**HUMANISMO** 77

**FENOMENOLOGIA** 85

**EXISTENCIALISMO** 104

Conclusão 115

Posfácio 121

Bibliografia 123



*É claro, a ciência jamais consegue alcançar sua meta. Em qualquer momento de sua história existe e existirá sempre um hiato entre seu ideal e suas realizações concretas. O sistema nunca está completo, existem sempre fatos recém-descobertos que se somam aos antigos e desafiam a unidade do sistema.*  
(KOFFKA, 1975, P. 18)

*Em resumo: a aquisição do verdadeiro saber deve ajudar-nos a reintegrar o nosso mundo, que foi fragmentado; deve ensinar-nos a irrefutabilidade das relações objetivas, independentes de nossos desejos e preconceitos; e deve indicar-nos nossa verdadeira posição no mundo, fazendo-nos respeitar e reverenciar as coisas animadas e inanimadas que nos cercam.*  
(KOFFKA, 1975, P. 21)

*Mas toda a teoria que não se torne praxe e vida, isto é, que não seja acompanhada por uma ação correspondente, é estéril.*  
(NOGARE, 1994, P. 16)



## Prefácio

APRESENTAR UMA DAS OBRAS de Jorge Ponciano Ribeiro – além de ser uma deferência e uma honra – é tarefa de monta. Principalmente por conta da história de Jorge na psicologia – com todas as suas contribuições –, na Universidade de Brasília (UnB) como professor emérito, na minha formação – como orientando no mestrado e como “discípulo” na formação de Gestalt, lá pelo final dos anos 1990 – e, claro, na Gestalt-terapia, como um dos protagonistas.

Há vinte e cinco anos, Jorge publicava um livro que teria dupla função: seria um livro de referência para se fazer uma epistemologia da Gestalt-terapia, o primeiro e um dos únicos nessa direção. Ainda hoje, mesmo a abordagem gestáltica tendo crescido e se desenvolvido, tendo se organizado em inúmeros núcleos e institutos espalhados pelo país, tendo adentrado com autoridade o ambiente acadêmico – tanto como disciplina e como compreensão clínica na graduação, como área de pesquisa na pós-graduação – e se “recriado” em novas perspectivas e novas áreas de ação, seu livro *Gestalt-terapia: refazendo um caminho* é uma referência na área.

Costumo apresentá-lo como um livro que “criou necessidades”. Foi o segundo livro publicado no Brasil sobre Gestalt-terapia (o primeiro, *Gestalt e grupos*, é de autoria de Thérèse Tellegen), mas foi o primeiro que se propôs a “pensar” um “fazer”, um fazer gestáltico. Estávamos, então, pensando uma abordagem

“nova”, neófito tanto no Brasil, com apenas poucos anos de conhecimento, quanto no mundo, afinal era apenas uma abordagem “balzaquiana”\*.

Digo que o *Gestalt-terapia: refazendo um caminho* criou necessidades porque, depois dele, convencionou-se indicá-lo quase como uma tradição nas diversas apresentações da nova abordagem. Apresentávamos o livro – e ainda o fazemos em muitas ocasiões – como uma abordagem que se constituiria em três perfis, mais ou menos desenvolvidos em termos epistemológicos, divididos em blocos (sendo que os dois primeiros ganharam mais destaque): os pressupostos filosóficos, as teorias de fundo ou de base, e os antecedentes pessoais. O que Jorge fez, à época, foi facilitar nossa compreensão de como se organizava essa nova abordagem e como poderíamos qualificá-la epistemologicamente, além de nos oferecer um excelente ponto de partida para estudos mais aprofundados.

A partir daí, Jorge passou a não somente desenvolver a nova abordagem, como a recriá-la, de diversas maneiras, em novos contextos, sob novas perspectivas, seja desbravando o país com grupos de formação os mais diversos (desde Brasília, passando pelo Mato Grosso do Sul, Maranhão, Pará, Goiás, São Paulo e tantos outros locais), seja escrevendo e reescrevendo a abordagem, com temas e proposições, ora inovadoras, ora verdadeiramente novas, tornando-se o autor que mais publicou em Gestalt no país. Ciclo do contato, grupos, terapia de curta duração, todos com perspectivas revisionistas ou autênticas, são apenas alguns dos temas trabalhados em suas obras.

\* Refiro-me, aqui, a alguns marcos históricos. No Brasil, consideramos os anos 1970 do século passado como referência de chegada da Gestalt-terapia ao Brasil, com os trabalhos de Tellegen e Jean Clark Juliano no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de São Paulo; com a publicação do primeiro artigo no *Boletim de Psicologia* da Sociedade de Psicologia de São Paulo, bem como os trabalhos desenvolvidos no Rio de Janeiro e no Paraná na mesma época. Já em relação à Gestalt original, consideramos como referência a publicação, em 1951, do *Gestalt-therapy*, de Frederic Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline.

Agora, Jorge nos prima com mais uma de suas reflexões. Este novo livro traz já em seu título sua proposição: *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho*. É mais um presente aos leitores, principalmente os iniciantes, que querem entrar um pouco mais nos meandros dessa abordagem tão rica quanto complexa que é a Gestalt-terapia. E ninguém melhor do que o Jorge para realizar tal empreitada, já que é um sujeito de palavra fácil, um sujeito que fala para o sujeito – o outro – sem os rebuscamentos clássicos da academia, e sem os melindres das palavras. Como é um sujeito de palavra fácil, como é um sujeito de vasta experiência e de conhecimento largo, Jorge faz deste novo livro uma nova busca por facilitar compreensões, simplificando olhares e falando “do” e “para” o coração.

Para se compreender um fazer, é preciso saber de que lugar se está falando, em qual lugar estamos nos colocando e colocando o outro a ser compreendido, para, daí, podermos acessar uma teoria e utilizá-la com sabedoria. Se não tomamos conhecimento desse “lugar”, arriscamo-nos a um mau uso da técnica, a um exercício meramente experimental de seu arcabouço e a uma consideração do nosso interlocutor de modo a objetificá-lo. Para tanto, é preciso uma dupla reflexão: sobre nosso lugar e sobre o lugar da teoria.

É nesse caminho que temos esta nova obra de Jorge. E ainda somos primados com uma linguagem que só os poetas e os caminhantes – aqueles que observam as paisagens e os caminhos – podem nos legar. E a figura de Jorge consegue agregar os dois personagens. O livro de linguagem fácil nos revela uma liberdade poética de quem já percorreu longos caminhos, além das trilhas do Caminho de Santiago de Compostela, as trilhas da psicologia e da Gestalt-terapia.

Por isso que esta obra é necessária. Certamente causará espanto em uns ou outros, por uma ou outra razão, mas igualmente ficará marcada como aquela porta de entrada para o grande salão que é a Gestalt. Depois de irrompermos da escadaria que

nos leva até esta porta, ao abri-la, deparamo-nos com um salão festivo e ricamente ornamentado, que nos permite uma excepcional oportunidade de deleite com sua diversidade.

Creio que estamos conhecendo agora uma rara reflexão que poderá ser início de uma longa jornada para os leitores, pois, depois de superadas estas páginas, claramente se descortinarão novas necessidades.

ADRIANO FURTADO HOLANDA

Doutor em Psicologia

Professor adjunto da Universidade Federal do Paraná

## Apresentação

HÁ 25 ANOS, em 1985, publiquei *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*, obra em que procurei lançar as bases teóricas e filosóficas de um modelo de psicoterapia, que, hoje posso dizer, estava apenas começando. Foi o primeiro livro de epistemologia gestáltica e penso que, ainda hoje, salvo maior engano, não existe algo semelhante na literatura gestáltica mundial.

Eu era um iniciante na abordagem gestáltica, mas meu *background* de psicanalista, de filósofo e de professor da Universidade de Brasília me animaram a lançar as bases de uma teoria que dava, timidamente, seus primeiros passos. Foram três anos de pesquisa, de estudos que redundaram na publicação de *Gestalt-terapia: refazendo um caminho* que, agora, na sua oitava edição, completa 25 anos, suas Bodas de Prata.

Os tempos passaram, a realidade brasileira mudou assim como nós, gestaltistas. Não somos mais os mesmos. Crescemos, ficamos adultos. Temos publicações que, sem dúvida alguma, são das melhores na comunidade acadêmica internacional. Temos revistas e livros de excelente qualidade que nada deixam a desejar, comparadas à literatura gestáltica mundial. Não precisamos ter inveja de ninguém, nem dos Estados Unidos, de onde a Gestalt-terapia emigrou para o mundo inteiro. Somos dezenas de institutos e centros de formação, somos milhares de Gestalt-terapeutas esparramados por todas as partes do Brasil.

Diz-se que o caminho se faz caminhando e eu acrescento: o caminho constrói o caminhante. Caminhamos um longo e difícil caminho, pois além da abordagem gestáltica ser complexa, a apreensão de sua realidade teórico-prática demanda um empenho imenso para poder ser entendida e usada clinicamente.

Não faltaram improvisações e, conseqüentemente, erros de perspectiva que, ainda hoje, de algum modo, impedem-nos de criar a Sociedade Brasileira da Abordagem Gestáltica, que será, no futuro, a Casa da Abordagem e que deverá acolher todos aqueles que se empenharem no aprofundamento e propagação de sua teoria e prática. Essa sociedade nos dará uma identidade, um rosto que, olhado, poderá ser reconhecido e confirmado.

Passaram-se 25 anos, e, de novo, estou eu a lançar sementes, não sementes novas, mas sementes nascidas da safra teórica que o Brasil plantou ao longo dos anos. Hoje, eu colho os frutos das sementes que já lancei e ofereço-os à nossa comunidade.

A tese é: temos um amplo e complexo campo teórico, epistemologicamente consolidado. Esse campo nos fornece as bases conceituais para o desenvolvimento de nossa abordagem nas diversas áreas que ela atinge e nas quais opera. Não temos uma teoria de personalidade constituída e nem precisamos dela, pois a abordagem gestáltica não é essencialista, é existencialista. Sua essência é, simplesmente, existir, e sua existência é, simplesmente, prestar uma contínua atenção à relação homem-mundo, de onde nascem a sabedoria e as soluções do cotidiano.

Não estamos preocupados com o que É a pessoa, mas sim com o COMO ela funciona. Gestalt é movimento, é processo de resgate do imediato. O “que” as coisas são mora no passado, às vezes em um futuro imaginado. O único modo de “surpreender” a realidade está no presente e é aí que a gestalt das coisas pode ser captada e se fechar.

Para o observar e para o descrever dessa realidade, pessoa-mundo, estamos mais que suficientemente embaçados, no momento em que fizemos da Psicologia da Gestalt, da Teoria do

Campo, da Teoria Holística Organísmica, do Humanismo, da Fenomenologia e do Existencialismo o porto onde atracamos com segurança nossas observações e certezas epistemológicas.

Esse imenso campo teórico é de tal modo harmonioso, inter e intraligado que, como diz Gary Yontef (*apud* Clarkson, 1989 p. 26): “Quando se trabalha bem com uma dessas teorias, estamos trabalhando com todas elas”.

Estou, formalmente, tentando constituir um Conceito de Mundo e de Pessoa a partir de teorias e de filosofias que dão sustentação crítica à Gestalt-terapia, a qual não surgiu do acaso, ou de meras coincidências, sem dono, sem lugar e sem mestres. Suas teorias e filosofias de base, embora não tenham sido sistematizadas nem por Perls nem por seus cofundadores, tiveram neles sua origem, seus preceptores, seus iniciadores.

Essas teorias, de modo às vezes claro, às vezes em simples referências, permeiam os escritos do chamado “Grupo dos Sete”, embora devamos afirmar que, na realidade, a Gestalt-terapia é fruto da reflexão de oito pessoas, pois não podemos esquecer o importante papel que Laura Perls exerceu na constituição da Gestalt-terapia. Embora seja difícil dizer quem é quem e como cada um atuou na reflexão do surgimento da Gestalt-terapia, não há dúvida de que ela é fruto de uma reflexão conjunta de pessoas de uma determinada época e que viveram em um mundo concreto. Pessoas que tinham uma noção de pessoa e de mundo e que, de algum modo, imprimiram suas próprias concepções na nova forma de psicoterapia que estava surgindo.

A Gestalt-terapia surge no pós-guerra, em um mundo que tinha perdido seu rumo. Surge de pessoas que tinham sofrido, na carne, o desespero, a solidão, a angústia, a náusea, a ânsia de liberdade e que tiveram de renunciar aos próprios caminhos para caminhar o caminho que lhes era possível. O conceito de mundo e de pessoa que esses homens e mulheres viveram tinha uma cara, que se tornou horrível e da qual eles queriam se livrar a todo custo.

É nesse horizonte e a partir dele que a Gestalt-terapia surge. O mundo tinha perdido seu rumo e procurava, a todo custo, um novo rumo, uma nova possibilidade de acreditar, de ter fé, de ter esperança no novo homem que surgia.

A Gestalt-terapia nasce com essa cara, com um instinto teórico autoecorregulador, procurando, sempre que necessário, atualizar um novo ajustamento criativo para corresponder às demandas de um mundo pós-moderno por meio do qual o futuro se tornasse provável. O passado “tinha passado”, o futuro ainda não tinha chegado, embora estivesse delineado na mente das pessoas e na nova estrutura do mundo que surgia.

A Gestalt-terapia surge, então, de um profundo processo de consciência e de conscientização que aflorava no mundo, no coração e na mente das pessoas. Veio como uma tentativa de resposta, embora não se soubesse exatamente qual era a pergunta, mas veio centrada na tentativa de resgatar a experiência imediata das pessoas, tentando dar uma luz, uma esperança a um “aqui-agora” liberto da angústia do passado e das ilusões de um futuro apenas possível pela incredulidade que morava, e com razão, no coração, mais do que na mente, das pessoas.

De maneira vívida, os fundadores da Gestalt-terapia sabiam que ali estava implícito um conceito de mundo e de pessoa, não só por meio de suas teorias, mas de teorias que eles viviam e tinham experimentado na própria carne.

Criaram, juntamente com a Gestalt-terapia, uma teoria libertadora do homem e do mundo, criaram um método eficiente de percepção, experiência e vivência da realidade, porque tinham, eles mesmos, escapado de uma escravidão teórica experimentada e vivenciada e que os tinha dominado na guerra e no pós-guerra. Abriram seus olhos, para que nós pudéssemos ver através do olhar deles um novo mundo e uma nova pessoa.

O Grupo dos Sete era composto de pessoas muito diferentes entre si e foi a vivência experimentada dessas diferenças que fez da Gestalt-terapia a potencialidade humana que ela contém.

O igual os uniu, convocou-os para uma nova guerra, mas de paz, amor, contato, excitação e crescimento humano. Esse é o berço da Gestalt-terapia. Ela herda do Grupo dos Sete, por meio das teorias que eles imprimiram ao conjunto de suas formulações, o conceito de mundo e de pessoa que este livro tenta traduzir e passar para o leitor. Dentre eles, e na própria constituição da Gestalt-terapia, Perls deixa ainda escorrer nas suas entrelinhas aspectos importantes da psicanálise, da teoria reichiana e do zen e do tantra budismo.

Assim, a Gestalt-terapia, além de emergir de um complexo campo teórico, emerge também impregnada da experiência e vivência de seus formuladores, mas, e principalmente, de seu principal fundador: FREDERICK SALOMON PERLS.

Refaço, assim, neste livro, um caminho, percorrido há 25 anos, agora, não mais como um neófito, mas como um estudioso amadurecido e envelhecido nas lides acadêmicas. Apresento-o à comunidade gestáltica como: *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho*.

Este livro é fruto de 50 anos de magistério superior e de uma caminhada com colegas maravilhosos com os quais aprendi Gestalt-terapia. Agora devolvo ao leitor, agradecido, parte do que eu sei, na esperança de ser útil à nossa querida comunidade gestáltica.

É metafísico: “O caminho constrói o caminhante”, ao final da caminhada, as bolhas nos pés e os machucados não desaparecem, deixam suas cicatrizes, que, quando revistos, produzem uma imensa saudade do caminho percorrido.

Brasília, 10 de fevereiro de 2011

JORGE PONCIANO RIBEIRO



# Introdução

EM BOIÇUCANGA, São Paulo, reuniu-se, pela primeira vez, um grupo de quinze Gestalt-terapeutas “recém-formados” que, juntamente com outros profissionais espalhados pelo Brasil afora e que também se intitulavam Gestalt-terapeutas, levaram “a boa nova” pelo país inteiro.

Assim como uma “criança”, que nasceu de muitos pais e mães de diferentes origens e lugares, nasceu a Gestalt-terapia no Brasil e foi se espalhando, sem muita ordem e consistência teórica, levada, sem dúvida, pela mente criativa, criadora, fértil e entusiasmada dos seus primeiros expositores.

Essa evolução rápida pelo país afora não se deve apenas ao entusiasmo dos pioneiros da Gestalt-terapia no país, mas também a uma percepção clara, quase uma evidência teórica, de que ela trazia no seu bojo um germe ou, mais que isso, uma consistência a ser explorada, mas que já estava ali contida, esperando por especialistas que descobrissem toda a sua riqueza teórica.

As informações chegavam de forma coerente, incoerente, contraditórias muitas vezes, pois vinham de pessoas e de lugares diferentes. Isto não é uma crítica, é um fato, um dado, um acontecimento e, se não fora assim, também não teria se espalhado pelo país afora. Não nasceu pronta, não está pronta, está em marcha, à procura de uma totalidade teórica que lhe dê mais visibilidade e garantias epistemológicas.

A Gestalt-terapia e a Abordagem Gestáltica, entretanto, nunca vão estar prontas, acabadas, “redondas”, porque, embora “Gestalt” signifique uma totalidade organizada, indivisível, articulada, isto é, uma configuração; jamais teremos uma teoria que contemple plenamente a configuração de uma totalidade teórica, pois a totalidade é sempre relativa, por mais totalidade que ela expresse, no aqui-agora, de um campo teórico.

*Essa é a riqueza da Gestalt-terapia: nunca estar pronta, não ter uma cara fixa, engessada em conceitos, mas ter uma estrutura processual que flua, sem, no entanto, perder sua singularidade de ser Gestalt-terapia e do que isso basicamente significa.*

O livro *Gestalt-terapia: refazendo um caminho* foi a primeira tentativa de dar um rosto, uma configuração teórica à Gestalt-terapia no Brasil. Esse texto é uma tentativa de dar logicidade, compreensibilidade, universalidade, repetibilidade à abordagem gestáltica e de criar uma intrarrelação de teorias diversas, mas que tivessem, no bojo, um *phylum*, uma linha que lhe permitisse ligar uma a outra, conduzindo a uma operacionalização teórica do ponto de vista prático.

A Gestalt-terapia não nasce de uma salada teórica na qual cada teoria nada, ou quase nada, tem a ver com as demais. A Gestalt-terapia nasce, sim, de árvores teóricas já constituídas, cujos frutos têm as mesmas propriedades, embora, quando, em contato com o organismo, funcionem de maneira diferente, mas sempre na direção do desenvolvimento, do crescimento e da maturação esperada.

Essas teorias são amplas, ricas, complexas, comprovam-se epistemologicamente e delas podem nascer os mais variados sistemas, com sustentabilidade teórica, sem, no entanto, confundirem-se com elas. As teorias que deram origem à Gestalt-terapia são amplas e mais complexas que os sistemas que delas nascem, pois, para ser mãe é preciso estar dotada de muito mais do que aquilo de que um filho precisa para nascer, atualizando toda potencialidade com

que a natureza dotou o ser humano. A questão não é só nascer, é crescer, desenvolvendo-se em toda a sua potencialidade.

Suas teorias e filosofias de base, por mais diversas que sejam, assim como os órgãos do corpo humano, formam um todo absolutamente funcional. Não se trata de uma “força de barra” de teorias diversas entre si para gerar a base teórica de uma prática clínica coerente, pois, se isso acontecesse, não teríamos um corpo, correríamos, sim, o risco de ter um monstro teórico em um corpo disfuncional.

*O corpo humano é como um holograma, isto é, cada um de seus órgãos é uma perfeita miniatura do corpo total. Assim é também a Gestalt-terapia, que compreende um campo teórico holográfico em que suas teorias, embora diferentes umas das outras, estão ligadas por laços que lhes permitem se ver e se apresentar como epistemologicamente viáveis e operacionais.*

Assim como o coração não é o pulmão, a teoria do campo não é a psicologia da gestalt, mas há entre elas um elo essencial, constitutivo, como uma estrutura lógica, que lhes permite a existência de um jeito de ser e funcionar que passa por uma intrarrelação funcional teórica, fruto não só da sabedoria do organismo, mas, sobretudo, de uma funcionalidade operante, com um *holos* que permite e produz uma ação conjunta e harmoniosa, cujos laços não se veem todos, mas cujos efeitos podem ser vistos e sentidos. Assim como o coração e o pulmão não são o corpo, mas o corpo é o coração, é o pulmão, assim também a psicologia da gestalt e a teoria do campo não são a Gestalt-terapia, mas a Gestalt-terapia é psicologia da gestalt, é teoria do campo.

*Estamos falando da gênese da psicodinamicidade teórica que existe, nesses casos, entre o todo de cada uma das teorias e filosofias de base e sua parte, isto é, a abordagem gestáltica que delas emana.*



# 1. A questão epistemológica

UMA EXISTÊNCIA TEÓRICO-FUNCIONAL NASCE DE UMA  
MATRIZ TEÓRICA, JÁ CONSOLIDADA.

*Ele (Lewin) acredita fortemente que a ciência é um empreendimento no qual o progresso se faz por aproximações sucessivas “à verdade” e por uma série interminável de pequenas excursões no desconhecido. (LEWIN, 1965, P. XI)*

ENTENDO EPISTEMOLOGIA (classicamente, chamada de criterio-  
logia, gnoseologia) como a ciência que critica as outras ciências  
ou outros conhecimentos já estabelecidos, dando-lhes credibili-  
dade teórico-científica. Para tanto, a epistemologia tem de estar  
constituída como uma totalidade de conceitos, uma metaciência,  
uma ontologia conceitual, de tal modo que ela se torne a medida  
que mede todo e qualquer conhecimento com relação a sua lógi-  
ca interna. A epistemologia é uma totalidade teórica, que mede  
toda e qualquer ciência ou conhecimento estabelecido que se  
relacionam entre si e com ela mesma, como uma parte que não  
só se harmoniza com essa totalidade, mas com as partes dela.

Epistemologia é uma ciência de totalidade, de universalidade,  
é ela que timbra o que dá visibilidade a qualquer uma de suas  
partes científicas e/ou teóricas.

*Se duas teorias se opõem a respeito do mesmo objeto de conhe-  
cimento: ou as duas estão erradas ou uma está certa e a outra er-  
rada, porque duas partes em absoluta oposição entre si sobre o  
mesmo objeto não cabem, não podem ser contidas em um mesmo  
todo chamado conhecimento ou teoria do conhecimento ou crite-  
riologia ou epistemologia. Seria uma contradictio in termine que  
destruiria a própria possibilidade do conhecimento.*

As teorias e filosofias de base da Gestalt-terapia têm de conter e ser contidas nesse e por esse todo chamado epistemologia (ciência das ciências) sob pena de não se justificarem, cientificamente, como uma proposta de ação teórica. De maneira simples: tudo aquilo que os pesquisadores afirmam constituir a ciência ou o conceito de ciência tem, obviamente, de decorrer dessa totalidade epistêmica chamada ciência do conhecimento (gnosilogia) ou epistemologia.

Epistemologia é uma matriz de conhecimento, é dela que nasce a cientificidade de qualquer outro conhecimento, mas, assim como um filho não herda a totalidade genética dos pais, assim uma ciência, um conhecimento científico não herda toda a cientificidade que a epistemologia espera. Uma ciência ou teoria científica não podem se opor à sua própria matriz epistêmica, sob pena de não serem “filhas”, de não serem reconhecidas pelas outras partes que a matriz contém, ou de serem rejeitadas pela própria matriz.

Essa matriz é como um ser-conhecimento do qual tudo decorre, adquirindo, no seu processo de constituição científica, suas próprias características, herdadas, em primeiro lugar, desse ser-conhecimento, dessa totalidade ontológica de conhecimento e, em segundo lugar, da relação que esse saber incipiente estabelece com as outras partes científicas do todo, da matriz, da qual procedem. Nenhum conhecimento pode, nesse caso, opor-se a outro, porque isso implicaria a não existência do ser-total-conhecimento, do qual o conhecimento emana para, em seguida, ir se constituindo como fruto de sua própria caminhada teórica.

Essa proeza teórica, aparentemente paradoxal, pode ser conseguida por meio de um “método de construção” que foi primeiramente desenvolvido na matemática.

Considerar entidades geométricas qualitativamente diferentes (como círculo, quadrado, parábola) como produto de uma determinada combinação de certos “elementos de construção” (tais como pontos e movimentos) foi desde os tempos dos gregos o segredo deste método. É, às vezes, denominado método da “definição genética”. (Lewin, 1965, p. 37)